

ORGANIZADORES

ADAILSON COSTA

LIU MOREIRA



GRACA VELOSO



Universidade de Brasília  
Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas - CEN/IDA

# CARTAS DE MINH'ALMA

**Organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa  
dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira**



**UnB**

Brasília-DF

2025

© 2025 Jorge Das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

Licença creative commons:



1ª edição

Universidade de Brasília

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

Campus Universitário Darcy Ribeiro, Complexo das Artes, Bloco A Sala A1

CEP: 70.910-900, Asa Norte, Brasília-DF, Brasil Contato: (61) 3107-6134

Site: [www.ppgcen.unb.br](http://www.ppgcen.unb.br)

E-mail: [secretariapgcen@unb.br](mailto:secretariapgcen@unb.br)

#### FICHA TÉCNICA

**Organizadores:** Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

**Revisão:** Christina Velho

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Djanine Denise de Miguel Silva

**Editora:** Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

**Bordados e capa:** Maria Oliveira Villar de Queiroz

**Fotografias:** Pardal

**Finalização de capa:** Djanine Denise de Miguel Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

C322            Cartas de minh'alma [recurso eletrônico] /  
                  organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson  
                  Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira  
                  Siqueira. – Brasília : Universidade de Brasília,  
                  Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas,  
                  2025.  
                  177 p. : il.

Modo de acesso: World Wide Web.  
ISBN 978-65-88507-12-4.

1. Artes cênicas. 2. Cartas. I. Veloso, Jorge  
das Graças (org.). II. Santos, Adailson Costa dos  
(org.). III. Siqueira, Liubliana Silva Moreira  
(org.).

CDU 792

*memória afeto escuta diferença foco persistência*  
*planetary cura*  
*chegada despedida pertencer acalma*  
*tralidade amor espaço tempo escreve*  
*artista*  
*urgia teatro*  
*te memória*  
*ngição p*  
*nto chega*  
*estralidade amor*  
*artista*  
*urgia teatro*  
*te memória afeto escuta diferença*  
*ngição planetary cura pers*  
*despedida pertencer*  
*tempo*

# CARTAS DE MINH' ALMA



## AMIGA LEITORA E AMIGO LEITOR

Gostaria de te convidar para um passeio. Um caminho que te levará para lugares bem pessoais de cada um dos autores deste livro. Nossa intenção aqui nunca foi fundar conceitos, problematizar teorias e inventar tratados. É tudo muito mais simples e acolhedor, como uma conversa entre amigos no fim da tarde com uma xícara de café. Aqui queremos dizer quem somos. Aqui você verá cicatrizes, feridas abertas, sucessos, dúvidas, angústias, incertezas. Aqui você entenderá nossos dois principais propósitos. O primeiro é aceitar como é delicado e gentil o exercício de se perceber no passado e compreender como sua pesquisa foi se desenvolvendo. Isso nos ajuda a respeitar nossos processos e sermos gentis com nossos avanços que muitas vezes não enxergamos. O segundo propósito é postular a respeito da importância de nos colocarmos enquanto potências afetivas em nossos trabalhos. Somos seres pensantes, mas somos também seres moventes, sofrentes, delirantes e delicados. Um salve à magia de reconhecer que estamos inteiros presentes em nossas pesquisas, no mais íntimo do que somos.

Então pegue algo para beber e sente-se com cada um de nós para conversar.

Um abraço.

Graça Veloso  
Adailson Costa  
Liubliana Moreira

# SUMÁRIO

GRACA  
VELOSO

8

ADAILSON  
COSTA

20

LIUBLIANA  
MOREIRA

34

52

ADA  
LUANA

ADRIANA  
LODI

64

76

BARBARA  
BENATTI

DANILO  
MOTA  
LINO NILO

102

BELISTER  
ROCHA

88

GABRIEL  
GOELHO

130

DEBÓRA  
VIEIRA

118

KLEBER  
BUENO

142

LUCIANA  
GRESTA

154

MARIA  
VILLAR

168



*“Envergonhado,  
escondido, chorei...”*

***Graça***

*“Você tem minha  
admiração sabia?”*

***Adailson***

*“Na incerteza crie!  
‘Pausa’”*

***Liu***



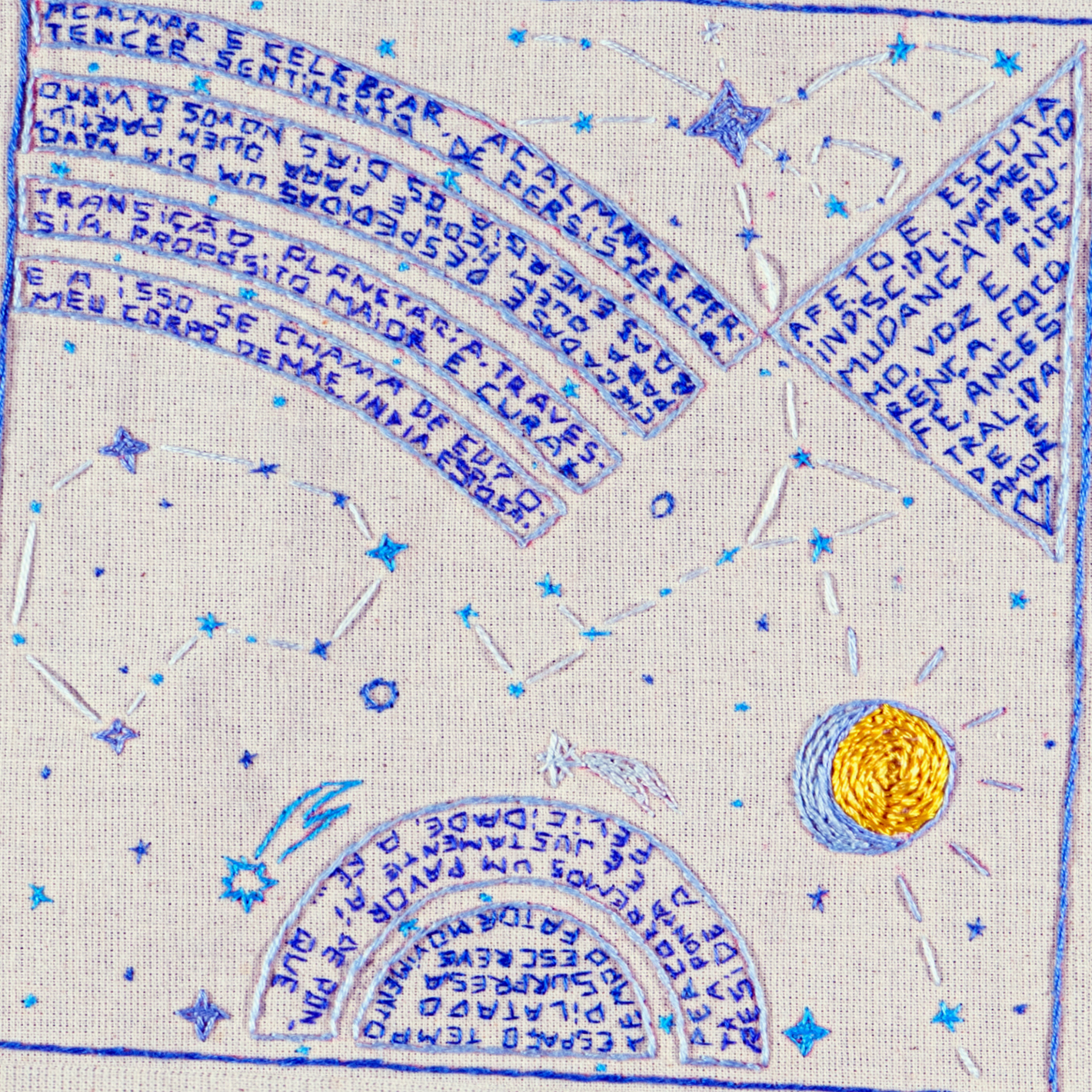
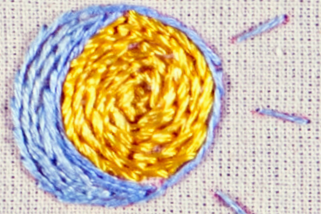
REALMAR E CELEBRAR  
TENCER SENTIMENTOS

DE ALMAS E PER-  
DE PERSISTENCIA  
DESPEDIR E HEDER  
SIA, PROPOSITO MAIOR E CURA

TRANSICAO PLANETARIA TRAVES  
E A ISSO SE CHAMA DE EUPO  
MEU CORPO DE MAE INFLUENCIA

ESCLUTA  
DISCIPLINA PERU-  
VON ECOLA  
MUDANCA ANCELA  
TRABALHO  
TAR

ESPAO TEMPO  
DILATADO  
ESCREVA  
FORREMO UN PAVOR  
JUSTAMENTE  
DE PON-  
MOVIMENTO





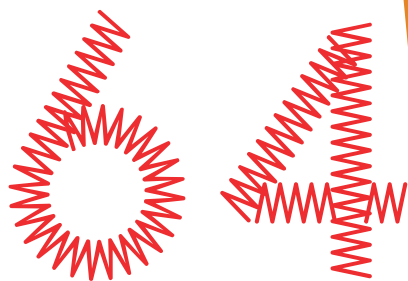
## ADRIANA FERREIRA COELHO LODI

Artista docente, pesquisadora e diretora de teatro, atriz de teatro e cinema.

Tem experiência na área de Artes, com ênfase em interpretação teatral, cinema, formação de atores e educação. Seu trabalho é constituído de processos inventivos e colaborativos com foco no hibridismo de linguagens, na autonomia dos intérpretes e na investigação de uma dramaturgia atravessada por realidades e ficções poético filosóficas. Por 13 anos desenvolveu projeto gratuito de formação de atores no Espaço Cultural Renato Russo - 508 Sul em Brasília. Doutoranda em Artes Cênicas pela UNB, sob a orientação de Fernando Villar, pesquisa Poéticas e pedagogias inventivas - hibridismos entre teatro e cinema.

Mestre em Artes, licenciada em Educação Artística e Bacharel em Interpretação Teatral pela UnB. Concursada da Secretaria de Educação do DF desde 2000, atuou como Gerente de Produção e Difusão de Mídias Pedagógicas de 2017 a 2019 implementando a Política de Educação Audiovisual.

Dirigiu cerca de 25 espetáculos resultantes de processos pedagógicos inventivos.



# CARTOGRAFIA DE EXPEDIÇÕES AINDA MAIS À DERIVA

Brasília, abril de 2021

## **Minha pequena Adriana,**

Faz exatamente 37 anos que, sem querer, você encontrou um caminho pra gente trilhar. Você era só uma criança, apesar de se considerar adulta. Você matava tanta aula pra ensaiar, fugia de casa pra estar com aquele grupo de pessoas encantadoramente irreverentes, e sumia no mundo com 13 anos achando mesmo que era dona de si.

Bom, o fato é que você nunca tinha pensado em fazer teatro nem mesmo como atividade extraclasse, que dirá como profissão. Você já tinha pensado em ser escritora, fotógrafa e até oceanógrafa, mas o teatro não fazia parte do seu rol de possibilidades. Afinal, tínhamos assistido há apenas uma ou duas peças na vida, até então, e tínhamos uma timidez estrutural que nos distanciava constantemente de atividades em grupo e dos jogos coletivos. Até dançar em festa de aniversário era sempre uma ameaça a sua sanidade mental. Sendo assim, a família estremeceu e teve medo das influências perniciosas daquela gente esquisita, tanto que rejeitaram a ideia durante um longo tempo.

Era 1984, o Brasil estava em pleno movimento intenso das *Diretas Já* e você se animava ao vislumbrar a derrubada da ditadura e pensava em poder participar, em breve, de uma eleição direta para presidente da república. Em Brasília, a cidade que você adotou desde os 7 anos, a esplanada dos ministérios era coberta de manifestações populares aquecidas. O povo estava nas ruas em todo o país.

Brasília sempre pareceu mais serena, espaçosa e confortável do que o subúrbio do Rio de Janeiro de onde você vinha. E de repente, um dia comum que mudaria a sua vida! Conduzida pela mão de um colega de escola, você entrou quase obrigada, pela primeira vez, no antigo Centro de Criatividade, hoje Espaço Cultural Renato Russo - 508 Sul. Foi impactante.



Entramos pela porta do antigo Teatro Galpão. E, sem querer, você se apaixonou pelo espaço vazio e grandioso. Sentiu um frio na barriga e um desejo interminável de voltar todos os dias depois daquela primeira vez.

Foi assim que as artes cênicas entraram na sua vida, pelas mãos de um professor de teatro da Fundação Educacional do Distrito Federal, que carregava orgulhosamente sempre com ele Augusto Boal. Com eles aprendemos muito sobre ética, política e estética. E pela primeira vez você se sentiu confortável em um grupo com mais de três pessoas. Com o teatro você aprendeu a aprender, aprendeu a defender suas ideias e a acreditar que era capaz. Aprendeu a aceitar suas fragilidades. Entendeu que somos pessoas diversas e heterogêneas. Relembro tudo isso para fortalecer, daqui onde estou, sua garra em permanecer. Muitas coisas vão acontecer ao longo dessa trajetória. E tudo, absolutamente tudo, vai valer a pena.

Aos 20 anos você vai querer ir pra São Paulo, fazer vestibular. A USP parece um sonho! Todo mundo fala da Escola de Comunicação e Artes – ECA, como o lugar mais incrível para se estar em 1991. Feliz ou infelizmente seu destino será ficar em Brasília, para entrar no curso de bacharelado em artes cênicas da UNB em 1992, e essa será uma das melhores aventuras da sua vida, pode acreditar. Tudo será tão impactante e transformador que você voltará, sistematicamente, para esta universidade diversas vezes ao longo da vida. Depois do bacharelado você voltará em 2004 para fazer a licenciatura em artes cênicas. É, você além de atriz e diretora de teatro, vai se transformar numa artista docente apaixonada por práticas pedagógicas provocadoras.

Esse é o caminho que melhor te constituirá no mundo. Você vai desenvolver um orgulho extraordinário pelo ofício de uma docência performativa. Vai entender a necessidade de atuar no plano pedagógico do sensível atravessado pelo inteligível. Vai insistir em provocar um devir risco, um devir invenção nos encontros artísticos pedagógicos que tenham por espectro de atenção o estar presente no presente da ação. O que vale para todo o coletivo, inclusive pra você. Vai pleitear, diariamente, que matem seus egos e administrem seus medos durante os processos de criação e de experimentação artística.

Bem, vamos voltar para à UnB nos anos 90. Lá você viverá entre gente diversa. Interdisciplinaridades. Hibridismos. Mestiçagens. Fuleragens. As artes cênicas misturadas

com as artes visuais. As duas convivendo espremidas num prédio antigo de serviços gerais nos farão conviver e experimentar performances, exposições e apresentações nos banheiros, corredores, jardins, na tipografia, enfim, em espaços tempos que se entrelaçam e farão nossas cabeças espiralarem ideias e desejos de invenção também híbridos.

Nesse tempo você estará com mestres e mestras ousadas e provocativas que vão nos levar a explorar cada canto do pequeno prédio do Instituto de Artes que abrigava toda aquela heterogeneidade. Bidô Galvão, Silvia Davini, Fernando Villar (Este último é nosso companheiro orientador nessa nossa aventura de agora. Você não vai acreditar! Daqui a pouco te conto melhor sobre isso), Hugo Rodas, Nena Leonardi, Luiz Mendonça, Lenora Lobo, Rita Castro, Marcus Motta são mestres inesquecíveis que vão atravessar essa expedição com você. Estes e estas, entre tantas outras pessoas, com as quais você aprenderá a ser e estar neste mundo.

É nesta fase que você vai se apaixonar pelo teatro dança de Pina Bausch. Pelo espaço vazio de Peter Brook. Pelas óperas rock. Vai vasculhar o cinema de Chaplin e conhecer o sensível Tarkovsky. Vai ter coragem para começar a escrever a partir de você, das suas memórias, histórias, sempre misturadas com mentiras inventadas, ainda sem dar o nome de autobiograficções. E ainda sem saber que esse processo aciona a sua “resistência para lembrar” (Hamera, 2002, p.122).

É difícil te escrever daqui pra contar de um futuro do presente. Muitas vezes vou entortar a grafia e a conjugação dos verbos todos que passeiam misturados entre aquilo que foi sonhado, o que aconteceu, o que estava para acontecer e não aconteceu, o que deixou de ser para que a gente chegasse até este aqui e agora. Então, desculpe os equívocos dos tempos verbais presentes nesta história.

Em seu trabalho pessoal de pesquisa, escrever e compor com as diferentes linguagens vai fazer parte do que estava acontecendo no mundo. As experiências artístico pedagógicas que o corpo docente do Instituto de Artes da UnB promovia eram em sua maioria híbridas. Projeções, colagens, dramaturgias performativas, partituras corporais, partituras musicais inventadas para a cena, tudo isso, e muito mais, já acontecia por lá. Não éramos intérpretes de um texto, éramos atrizes criadoras performadoras de obras coletivas.



Então estas referências são necessárias para que você perceba que a artista docente na qual você se transformará carrega inúmeras referências e experiências constituídas ao longo destas expedições. A inquietação para encontrar dispositivos de criação coletiva vai acompanhar a nossa prática didática e artística. Percebemos que para cada nova proposta, ou ideia, existe um caminho a ser percorrido, uma expedição à deriva a ser trilhada. E não adianta apenas elaborá-la, é preciso um encontro. Um encontro com as coisas do mundo, com os outros, com a pressão do instante, é o que provoca e aciona as fricções da criação dos processos inventivos.

Tal inquietação sempre estará permeada por uma atmosfera de sonho, por uma necessidade de realização de desconstrução das coisas que já experimentamos e conhecemos. Não é um negar ou um apagar das experiências anteriores, mas é uma certeza acompanhada de um desejo de vasculhar os vestígios daquilo que já foi, que já aconteceu e que já se encontra presente, memória-lembrança, na trajetória daqueles com quem nos encontramos e com o quê nos encontramos, e que de uma maneira ou de outra podem acionar encantamentos inventivos.

Quase 30 anos depois, estamos de volta, mais uma vez, à UnB na primeira turma do doutorado do programa de pós-graduação em artes cênicas - PPGCEN. Dá pra acreditar? Eu sei que você nunca teve este percurso acadêmico como uma meta. Mas esse é o caminho que estamos trilhando. Nós fizemos nosso mestrado aqui também entre 2014 e 2016, sob a orientação da maga mestra amiga amada Roberta Matsumoto, e ela nos ajudou a reaprender a amar a pesquisa e a escrita acadêmica. Ela também nos provocou olhar de novo para a fricção dos territórios fronteiriços entre teatro e cinema. Criar pela escuta dos movimentos possíveis do olho de quem está fora e dentro da ação. Arriscar orquestrar a luz, a música, corpos e vozes. Palavras que podem ser redesenhadas, re-esculpidas, pelo movimento da câmera. A mistura de metodologias de criação dramaturgica a partir da palavra, do corpo, das imagens, das paisagens, dos enquadramentos estão por aí há tempos. E nós gostamos de inventar com isso.

Eu sei que você escolheu ficar em Brasília porque pensar num doutorado é pensar na sua orientadora, mestra, companheira de reflexões e pensamentos sobre os mundos que queremos, sonhados. Mas prepare-se porque no dia 01 de novembro de 2019, três meses

depois do nosso ingresso no PPGCEN, Roberta se desconectará do mundo e vai precisar que você seja forte e permaneça num caminho à deriva. Um aneurisma cerebral explode, e o medo da morte vai invadir você e tudo em volta. Calma, o retorno será lento, mas ela vai se recuperar e você não vai perder as esperanças nem o foco na pesquisa.

Quase um ano depois, nosso mestre amigo e parceiro Fernando Villar vai assumir a sua orientação, e vai partilhar com você este caminho da pesquisa que ele nomeou de aventuras doutorais. Esse encontro será um presente. A pesquisa dele também é atravessada de hibridismos e ele domina tanto as dimensões do campo de estudos da performance que sua fala e escritas são desenhadas por uma performatividade atravessada pela política e a poiesis, o que gera efeitos intensos de inquietação e de alegria no percurso da pesquisa.

Vale a pena te dizer que durante o mestrado, que você tanto adiou, tivemos a oportunidade de organizar e refletir sobre toda a experiência artístico pedagógica que trilhamos durante os quase 14 anos que ficamos como artista docente do Espaço Cultural Renato Russo - 508 sul. A vida foi mágica neste sentido. Quem imaginaria que você teria a oportunidade de voltar ao antigo Centro de Criatividade e desenvolver um trabalho de oficinas gratuitas de teatro abertas a toda a comunidade. Você passou num concurso da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, e depois foi cedida para a Secretaria de Cultura para desenvolver projetos de formação de atores na 508 sul.

Durante todo este tempo você explorou apaixonadamente procedimentos híbridos de criação cênica a partir de escrituras performativas e processos de improvisação e pesquisa nas artes cênicas, sempre tendo o coletivo como território de trabalho. A sua dissertação de mestrado conta essa história: *Expedições à deriva com a pedagogia teatral por uma pedagogia da invenção* trata do entendimento da pedagogia teatral como uma pedagogia que promove desestabilizações, transgressões, que provoca a construção de saberes (in) corporados, que aciona indisciplinamentos e desprofessorarizações. Que entende o ato pedagógico como prática entre e, com as pessoas, e as coisas do mundo. Que atua no entendimento do inacabamento contínuo dos saberes e que insiste na ética, nas poiéticas, nos processos, na presença e nos afetos.

A nossa proposta agora, no doutorado, é pesquisar poéticas e pedagogias performativas e as possibilidades de invenção entre teatro, performance e cinema. Como corporificar

noções e entendimentos dos engendramentos entre a educação, o teatro, a performance e o audiovisual, a ponto de apresentá-los numa organização conceitual adequada e relevante?

Isso não sai da sua cabeça desde que estava à frente do Festival de Curtas das Escolas Públicas do Distrito Federal na Secretaria de Educação. É, depois do mestrado você passou quatro anos nas políticas públicas da educação básica. Até que em 2018 publicou, com a sua equipe, a Portaria 307 que institui a Política de Educação Audiovisual para a educação básica no DF. Foi um momento inesquecível! Com esta Portaria, o Festival de Curtas das escolas públicas deixa de ser um projeto para fazer parte de uma política pública que entende a importância da linguagem audiovisual hoje na educação básica.

Sabe, daí pode ser difícil de acreditar, mas grande número de crianças, jovens e adultos carregam agora, como apêndices, aparelhos telefônicos móveis que são verdadeiros computadores com câmeras e gravadores potentes capazes de muitas transgressões estéticas, e éticas também.

A gente lutava tanto pra conseguir uma VHS e depois uma *mini dv* para gravar ensaios e arriscar algumas composições, lembra? Nada deu muito certo. Tão poucos recursos. Bom, hoje tudo é diferente. Todos têm uma câmera na mão, a vida é registrada, editada e compartilhada nos mínimos detalhes cotidianos em redes sociais.

As entretelas, os algoritmos, os bits e bitcoins estão mandando em tudo por aqui, inclusive em você. Não deixe de ver o documentário ficcional *O Dilema das Redes*, é um material necessário para expandir as reflexões sobre controle e manipulação de dados. A violência está em pauta como há muito não se via. Tudo transborda. São muitas rupturas de direitos, muito desrespeito. O mundo está inteiramente conectado pela internet, mas as pessoas parecem mais isoladas a cada dia que passa.

Estes dispositivos móveis invadiram as nossas vidas, e a escola, infelizmente, por muito tempo ficou tentando mantê-los do lado de fora. Mas agora foram obrigadas a incluí-los como única forma possível de contato pedagógico. Como ferramenta indispensável para qualquer aprendizagem escolar. É confuso acreditar, mas é assim que estamos nesse caótico e desgovernado Brasil de 2021.



As coisas não estão como esperávamos. Em 2015, vivemos o início de um golpe que culminou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e sofremos as consequências desastrosas até agora, como uma avalanche que não para de crescer e aumentar sua potência destruidora. Nas eleições de 2018 o país elegeu um genocida, neofascista que exerce uma necropolítica nefasta que arrasa o Brasil e nossas pequenas conquistas em áreas estruturais como o meio ambiente, os direitos humanos, a educação e a saúde. Nossa democracia está em risco.

Um medo da morte ronda por aqui. É preciso encontrar alternativas diárias para seguir em ação e esperança, em invenção e utopia, porque sinceramente parece que não há mais mundo. Aquele mundo em que pensávamos viver.

Para complicar ainda mais as coisas, em março de 2020 um vírus mortal assola o mundo inteiro e isola famílias, cidades e países. Agora já são mais de 2 milhões de mortos pelo coronavírus em todo o planeta. No Brasil a pandemia está descontrolada. Faltam leitos, médicos, medicamentos, falta ar. Me falta ar.

Em tempos difíceis temos a responsabilidade de ir além do viver, do sobreviver, é necessário encontrar saídas. Ações propositivas capazes de inverter a lógica das violências que nos rodeiam, pois seguimos desgovernada enquanto nação. Enquanto população estamos com fome e seguimos sendo bombardeada por retrocessos éticos e sociais tendo que lutar novamente pelo óbvio. Cuidar do mundo e cuidar de todos. Diante dessa realidade é necessário ter esperança e recordar que já trilhamos outros abusos constitucionais, e que sobrevivemos lutando.

Olha, desculpe despejar toda essa informação assim, de maneira abrupta, mas é que esse panorama cruel atravessa nosso corpo, mente e coração, e aciona uma necessidade ainda maior de tentar encontrar modos de existir e de atuar dentro desse contexto.

Vou reassumir nossa primeira pessoa do singular pra te aproximar de mim e poder contar como está a pesquisa atualmente, e mapear algumas questões que me fizeram chegar até aqui.

Para a pesquisa proposta no doutorado, dar aula novamente, mesmo que sem a presença física, se tornou indispensável para poder seguir em frente. Eu nunca imaginei ter que

dar uma aula de teatro pela internet, sem estar no mesmo ambiente que meus estudantes. Porém é o que podemos fazer nos dias de hoje. E sem estes encontros, mesmo à distância, sinto que não consigo sequer pensar, sequer acordar. Enquanto o neoliberalismo avança sobre nós, aprisionando nossas subjetividades e impondo a manutenção do regime *colonial-capitalístico*, promovendo um sufocamento global (Rolnik, 2018, p.29), eu ganho um pouco de ar, ganho uma capacidade de agir, quando me encontro em agenciamentos pedagógicos performativos.

Por isso, ano passado, no meio de toda a pandemia do coronavírus aceitei o desafio de ofertar uma prática docente dentro do doutorado. A disciplina optativa, *TEAC II - Entretelas - autobiograficções e dramaturgias híbridas*, partia de dispositivos autobiograficcionais como potências de invenção.

O termo “autoficção” foi criado por Serge Doubrovski, (1977) e segundo Patrice Pavis (2017, p.44), contrasta com a autobiografia por apresentar fatos e pessoas reais inteiramente recompostos, com outra cronologia e permeada de invenções. Tal definição me estimula a usufruir do termo composto autobiograficção por entender que ele é capaz de explicitar as interfaces entre realidades e ficções, das tantas histórias, lembranças, memórias possíveis nos processos de formação de atores e de criações híbridas.

Além disso, entendo que procedimentos autobiograficcionais permitem também redesenhar a percepção que temos de nós, clareando o entendimento de que as identidades não são estáveis, pelo contrário, encontram-se em constante movimento. Assim, como posso ver agora olhando daqui, para aquela menina que fomos e ver o quanto nos metamorfoseamos. A potência desses procedimentos performativos atua diretamente na alteridade e na transformação dos sujeitos no mundo. Escrever é um exercício de ser e estar no mundo a partir de si.

Acho importante te dizer que no início da pandemia em 2020, também tive a oportunidade de fazer uma oficina rápida de 10 horas/aula com a atriz e pesquisadora cênica Janaína Leite sobre o autobiográfico e hibridismo performativo. Apesar dos mais de 100 participantes *on-line*, foi um momento de me aprofundar em relação a utilização de arquivos e documentos

para compor as dramaturgias, improvisações e experimentações cênico performativas. A riqueza do material disponibilizado por ela foi tão vasta que até agora me encontro em processo de pesquisa em relação às referências filosóficas e artísticas citadas.

A autobiograficção será utilizada na pesquisa como dispositivo pedagógico performativo com o objetivo de possibilitar a pesquisa e invenção de materiais ficcionais de dramaturgias híbridas a partir de dispositivos móveis. A intenção tem sido explorar a atuação e a composição audiovisual com foco no trabalho do ator criador em entretelas, e promover o exercício prático de invenção de poéticas híbridas audiovisuais performativas individuais e coletivas. A experiência explorada na pesquisa intervenção, em andamento com as turmas do curso de artes cênicas da UnB, tem sido muito potente como estrutura da tese juntamente com as outras práticas artístico pedagógicas desenvolvidas durante a pandemia, em modo remoto.

Em agosto de 2020, tive a oportunidade de ver uma palestra do Jorge Dubatti sobre as artes do convívio e do tecnovivo, que serviu como início de diversas reflexões acerca de nossos desafios em relação a colocar nossas experiências com as artes da cena à disposição das plataformas digitais e das instâncias de presença, atenção plena, afeto, corporalidade. Assista a essa aula do Dubatti! Os conceitos de presença, corpo real e corpo digital, contágio, exclusão e experiência a partir das diferenças entre as relações espaço temporais são minuciosamente apresentadas, e vão nos ajudar a subsidiar as reflexões teórico-práticas sobre a situação das artes da cena durante o período de isolamento social.

É difícil essa distância. Nas aulas virtuais, os corpos mediatizados se transformam. Vemos apenas partes que, às vezes, desaparecem num fechar de câmera ou na perda da conexão. Muitos pensamentos interrompidos. Analisando agora, percebo que adquiri uma performatividade exacerbada em vários momentos. Ser e estar professora na entretela era muito diferente de tudo que já tinha experimentado. Parecia que minha experiência pedagógica não era o suficiente. Meus procedimentos e dispositivos pareciam muitas vezes não servir, não se adequar. Nós não nos adequamos. Nos adaptamos a contragosto.

E de repente na aula, alguém chora. Uma notícia, mais uma perda. Mais uma morte. Vivenciamos as perdas coletivamente. Compartilhamos dores e saudades. Raivas e descontentamentos. Indignações. O racismo, o patriarcado, os abusos policiais, o



femicídio, as violências sexuais, tudo explode. E ainda explode por aqui e mundo afora. E nossa turma também explodia em palavras e vozes potentes de coragem para realizar algo e seguir.

Já falei muito e ainda não te contei sobre o desenho da pesquisa. Bem, por hora, tenho um esboço. Quanto ao mapa conceitual, estamos em diálogo com a obra de Suely Rolnik, o que aciona entendimentos de como o estado da educação encontra-se cafetinado pela necropolítica capitalística. E para este diálogo incorporamos Paulo Freire, Jorge Larrosa Bondía, Suely Rolnik e Byung-Chul Han, para acionar uma reflexão sobre a influência e manipulação da era digital sobre nosso comportamento e subjetividade. A partir deste mapa sociopolítico incluo os estudos da performance na conversa, para pensar em como sua amplitude e multiplicidades de conceitos sobrepostos e divergentes, e suas distintas dimensões processuais, liminares, de intervenção na realidade, de presença, das corporalidades, têm atravessado os estudos da educação, e das ciências humanas em geral, fomentando territórios híbridos de práticas pedagógicas e de pesquisa expandidos.

Para alimentar e sustentar este encontro desenharei um pequeno esboço histórico com as vozes de Richard Schechner, Augusto Boal, Diana Taylor, Elyse Lamm Pineau, Gilberto Iclê e Fernando Villar. Também tenho investigado os hibridismos culturais apresentados por Peter Burke, e o conceito de culturas híbridas de Cancline para sustentar as transdisciplinaridades necessárias para pensar a educação.

Dentre as distintas interfaces e possibilidades de afecções entre a performance e a educação como por exemplo: ensinar sobre performance e fazer performance na escola, olhar a escola como performance, usar a performance para olhar o comportamento de professores e estudantes na instituição escolar, vou me concentrar inicialmente na pedagogia como performance, isto é a pedagogia como invenção nas relações de ensino e aprendizagem. Aqui também intenciono trabalhar com a interseccionalidade necessária para discutir as afecções e possibilidades de atravessamento entre feminismos e a educação, principalmente pela necessidade estrutural de pensar as violências simbólicas, físicas, psíquicas e emocionais que constituem as subjetividades femininas, e as relações de poder nas esferas da arte e da educação.

Os encontros com conceitos investigativos que norteiam minha compreensão sobre ensino e aprendizagem, como a cognição inventiva de Virgínia Kastrup, a biologia do

conhecimento de Maturana e Varela, a filosofia da diferença na perspectiva dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari norteiam também a minha prática pedagógica, e estarão presentes em diversas espiralações entre estética, ética e invenções artísticas e pedagógicas.

Meu intuito é descrever os processos e procedimentos que foram acionados para os trabalhos em entretelas, no período de distanciamento social, mas espero ainda poder, antes do fim da escrita da tese, ter a oportunidade de desenvolver algum processo presencial. Que as vacinas cheguem logo para todos!

É isso. Nem sempre podemos realizar o que sonhamos. As projeções de como a pesquisa seria conduzida têm sido substituídas por uma realidade que nos arremessa, mais uma vez, em outra expedição à deriva, só que desta vez desprovida de qualquer bagagem.

Neste momento, estou como professora voluntária do departamento de artes cênicas da UnB, conduzindo a disciplina Interpretação 1, que está sendo desenvolvida a partir das potências do teatro performativo e de procedimentos autobiográficos, principalmente em consonância com Eleonora Fabião e com Illeana Diéguez, e as provocações que estão contidas em suas desmontagens. Também tenho orientado um trabalho de conclusão de curso - TCC de uma estudante da licenciatura em artes cênicas que aborda a criação cênica a partir do que ela denomina de *Vida performativa*. Desde 2006, quando dei aula por quatro anos na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, não orientava nenhum TCC. Esse diálogo tem sido muito enriquecedor para a pesquisa, tendo em vista que a estudante é uma criadora de materiais poéticos autobiográficos híbridos.

Espero que estes fragmentos de pensamentos rabiscados aqui, com sentimentos de medo, em breve constituam um corpo em fluxo repleto de agenciamentos. Como disse Sandra Corazza em sua obra *Composições*: “No traçado de um plano de imanência, o pensamento não se separa da vida”, O pensamento aqui está borrado, composto de teias labirínticas reais e ficcionais. Saudades de tudo. Das memórias esquecidas. Dos encontros intermináveis, dos abraços apertados, dos teatros, das noitadas, de sair pra dançar até as pernas doerem... Saudades de tudo.

**Adriana Lodi**

## AUTORES E AUTORAS

**Graça Veloso**

**Ada Luana Rodrigues de Almeida**

**Adailson Costa dos Santos**

**Adriana Ferreira Coelho Lodi**

**Barbara Duarte Benatti**

**Belister Rocha Paulino**

**Danilo Henrique Faria Mota**

**Débora Cristina Sales da Cruz Vieira**

**Gabriel Coelho Mendonça**

**kleber damaso bueno**

**Liubliana Silva Moreira Siqueira**

**Luciana Maria Rodrigues Gresta**

**Maria Oliveira Villar de Queiroz**





Este livro foi patrocinado pela Chamada Simplificada 02/2020 de Apoio à produção, revisão, tradução, editoração, confecção e publicação de conteúdos científico-acadêmicos e de divulgação das atividades desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília.



ADA LUANA RODRIGUES DE ALMEIDA - ADRIANA FERREIRA COELHO LODI - BARBARA

MARIA VILLAR DE QUEIROZ

LUCIANA MARIA RODRIGUES GRESTA

DUARTE BENATTI - BELISTER ROCHA PAULINO - DANILLO HENRIQUE FARIA MOTA

GABRIEL MENDONÇA - KLEBER DAMASO BUENO

DEBORA C



ISBN: 978-65-88507-12-4



CDL

6 7898712058859